

Uma professora na Ilha e uma Ilha professora: educação, arte e existência.

A teacher on the Island and a Teacher Island: education, art and existence

Raquel Minervino

Seduc-Pa
Belém-Brasil

Resumo

Neste trabalho, apresento um relato autobiográfico do meu processo de mudança de Belém para a Ilha de Cotijuba, onde resido desde janeiro de 2021, atuando como professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede pública estadual. A partir da relação entre pensamento, corpo, vida e devir, tal como proposta por Sueli Rolnik (1993), falo de *marcas* e de encantamento. Narro minhas impressões acerca das transformações pelas quais o bairro da Pedra Branca vem passando, a partir da chegada de um grupo de educadores, artistas e fazedores de cultura que passaram a habitar o mesmo núcleo – um conjunto de *forças vitais* que se alinhou no tempo-espaço (LOPES, 2020). Proponho neste ensaio a construção de uma escrita-pensamento alinhada às ontologias africanas, e que reflete um modo de existir e habitar. A Pedra Branca é lugar de encantaria. A minha prática docente reverbera minha própria existência.

Palavras-chave: Ilha de Cotijuba; Encantaria; Relato de Experiência.

Abstract

In this paper, I present an autobiographical account of my process of moving from Belém to the Ilha de Cotijuba, where I have lived since January 2021, working as a Portuguese and Literature teacher at the state's public education system. From the relationship between thought, body, life and becoming, as proposed by Sueli Rolnik (1993), I talk about marks and enchantment. I narrate my impressions about the transformations the Pedra Branca neighborhood has been going through since the arrival of a group of educators, artists and culture makers, who came to inhabit the same core - a set of vital forces that lined up in the time-space (LOPES, 2020). I propose, in this essay, the construction of a writing-thought aligned with the African ontologies, and that reflects a way of existing and inhabiting. Pedra Branca is a place of enchantment. My teaching practice reverberates my own existence.

Keywords: Cotijuba Island; Enchantment; Experience Report.

Abrindo os trabalhos

Por cima de cada cultura, também por baixo, há ideias,
crenças e costumes, que são comuns a todos os membros da sociedade.
É o fundo – espiritual, mental, afetivo – de cada povo; e dessa maneira é o fundamento das artes
(Octavio Paz, *La outra voz*)

A ética é a estética de dentro
(Pierre Reverdy)

Fiquei um tempo tentando entender por onde eu deveria começar esta prosa sobre a relação entre uma professora e uma Ilha. Fiquei pensando em que momento se iniciou essa relação de encantamento – afinal, as *marcas*, no dizer de Sueli Rolnik (1993), são composições, relações e fluxos entre seres e ambientes, visíveis e invisíveis, que produzem em nosso corpo estados inéditos a partir dos quais nos moldamos subjetivamente. Marcas, segundo a pensadora, são *gêneses de um devir* e, nesse sentido, cruciais no ato de narrar a nossa própria história, reinventar continuamente a nós mesmos. Poderia eu, a bem dizer, começar de vários pontos, pois percebo a relação de contiguidade entre eles, um imbricamento que se deu e se dá ao longo da vida. Talvez, nessa busca chegasse até mesmo nas histórias de meus antepassados, mas é preciso estabelecer um corte no tempo, e no caso específico desta escrita, gostaria de sublinhar o filme *A Ilha* (2013)²⁰, gravado em 2012, do qual participo como produção e som direto. Esse filme, além de um marco, ousar dizer, no cinema paraense independente, é também um marco em minha vida, configura uma *marca*, pois representa o momento em que eu conheci a Ilha de Cotijuba – a Ilha da qual eu falarei neste texto – sem saber que eu retornaria a ela, nove anos depois, dessa vez, na condição de moradora e professora.

Quando o filme foi gravado, eu estava em vias de finalizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Pará (UEPA). Concluídas as filmagens, pouco tempo depois, eu me mudei para o Rio de Janeiro. Foram dois anos e meio no Rio, um ano em Belo Horizonte e quase dois anos em Juiz de Fora, Minas Gerais – mas essas “cigantias” eu não vou narrar aqui. Foram anos de derivas pelo Sudeste, onde aprendi bastante sobre o mundo. No entanto, já durante o mestrado, sentia que precisava urgentemente retornar à Amazônia, referência primeira, constitutiva da minha subjetividade. Defendida a dissertação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), retornei à Belém no início de 2019, com a promessa de nomeação no concurso da Secretaria

²⁰ *A Ilha* (2013), 59min, direção: Mateus Moura. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=f6GcybHz_jg&t=799s. Acesso em: 18/11/2021.

Estadual de Educação (SEDUC) do Pará, no qual havia sido aprovada. Finalizei o mestrado, estava desempregada e aguardava a nomeação.

Hoje, releio as publicações no *blog* da Maria Preta²¹, onde estão registrados diversos momentos de pré e pós-produção do filme *A Ilha*, relatos de espectadores que, por interesse próprio, escreveram, sobre essa obra, entrevistas, matérias de jornais, depoimentos. *A Ilha* é um filme que mexe com as encantarias amazônicas. Um filme forte e impactante, que joga com a história de Cotijuba, a qual, tendo em seu passado o histórico de ter sido uma colônia penal, traz como parte de seu imaginário recente a memória desse período. *A Ilha* é uma experiência que só pode ser acessada plenamente quando se assiste à referida obra audiovisual. Sublinho aqui o depoimento de um espectador, Wallace Pantoja, publicado no dia 4 de outubro de 2014 no *blog* da produtora:

O tempo da Ilha não é o do relógio, ou da história que se conta — é o tempo do mito, presente nas cores de um caminho à noite que transpira passado, no dia já nascido morto, tremendo sobre o cavalo, no livro que conta o que será, no mergulho desesperado no quintal de casa, barulho do mar que nunca vemos de dentro da Ilha, só de fora, somos convocados para uma orgia de símbolos, na qual sentimos uma familiaridade terna e terrível. Mito de uma ilha que confina seus filhos na barriga, devorando-os, exigindo novos sacrifícios, se *espraia* além de um horizonte possível, ecoa um passado só intuído através do fogo, elos que vão da guirlanda que arrancou o sorriso para sempre, até a corrente que prende vida na terra. Poderíamos recriar estes elos até o *semfim*, porque a impressão que temos, quando nos retiramos daquele lugar é que tudo segue, denso, vivo, perigoso, medonho, quente, tudo segue no devenir-ilha. Há rostos que são os mesmos, cheios de uma permanência monstruosa, agregando cacos de vidas, silêncios vagos, amores perdidos, talhados pelas relações que, instintivamente, sabemos como terminam, não por auto evidência, mas por não querermos tomar dessa fonte já e sempre provada, a dor que revela a vida no parto é a dor de todos que estão enterrados no barro, no fundo, mergulhados nas primeiras águas, não por vontade, mas por inevitabilidade das relações — de certa forma, felizes, dolorosamente felizes quando chegam ao *semfim*. A experiência da Ilha nos cala... porque já pisamos naquele chão, já escutamos o marulho constante, já fomos crianças e hoje esperamos nosso sacrifício, esperamos vida que nos projete no futuro, atolados no passado, paralisados no presente que se nos move. Futuro-passado-presente, esta é a ordem da existência na Ilha-ser.²²

Esse depoimento de 2013 de um espectador ressoa em mim muitos sentidos compartilhados, que poderiam também ser utilizadas neste ensaio: *devenir-Ilha, experiência que cala, recriação de elos, cacos de vidas, tempo do mito, sacrifício, futuro-passado-presente, Ilha-ser*. Deparo-me também com o meu testemunho sobre o processo e participação no filme. Tanta coisa aconteceu, rompeu, transformou, mas parece que nós

²¹ Maria Preta é o nome da produtora audiovisual independente fundada por Mateus Moura. Todo o material sobre o filme está disponível em <https://danoiteescuradamariapreta.wordpress.com/>.

²² PANTOJA, Wallace. *A Ilha* — fragmento da existência mergulhado em memórias. **Blog Danoiteescuradamariapreta.wordpress.com**. Belém, 4 de Out. 2014. Disponível em: <https://danoiteescuradamariapreta.wordpress.com/>. Acesso em: 18/11/2021.

sempre estamos circundando as mesmas questões. Eu não lembrava muito bem o que havia escrito, mas já falava então sobre imbricamento ético-estético, sobre a multiplicidade de seres, visíveis e invisíveis, que habitam a Amazônia, sobre a relação recíproca entre construir experiências e ser por elas construída. Reconheço-me naquela escrita, mesmo que hoje eu saiba o quanto eu precisava viver ainda, na “carne”, daquilo que punha em palavras:

A Ilha para mim inaugura um pensamento e um olhar ético-estético sobre quem são os moradores dessa terra que, como diria Líbero Luxardo, é uma terra anfíbia. Mas, se somos anfíbios, ilhados, barrentos, somos também alados, etéreos, também terra, também fogo. Agradeço infinitamente A Ilha por me ensinar tanto, sobretudo me ensinar que dentro de um filme existem outros mil. Dentro de cada *frame*, um milhão de seres insulares. [...] Construimos imagens e as imagens nos constroem, numa dança rápida e caótica em busca de sentidos, nunca esgotados. A Ilha não esgota, ela convida.²³

Esse filme, produzido – é bom frisar – sem nenhum tipo de financiamento, além do desejo de seus realizadores de concretizá-lo, algo que para quem trabalha com audiovisual pode parecer impossível, considerando que se trata de um longa-metragem, engendrou uma *marca* em mim, que continuou viva, criando ressonâncias. Mesmo no Sudeste, a vontade de criar estados de encantamento permaneceu. Dito isto, “fecho o parêntese”, para não me alongar neste percurso cinematográfico, pois não poderia deixar de mencionar *A Ilha*, que, para além de um filme, representou a produção de um novo corpo, uma relação de aprendizagem sobre o imaginário amazônico, uma abertura para pensar e sentir a Amazônia a partir da linguagem mítica e poética. “O mito, muitas vezes, expressa a poética das coletividades humanas, ao relatar sua história idealizada. O poético, por seu lado, mitifica as palavras e os sentimentos, no ato de torná-los poetizados” (LOUREIRO, 2020, p. 68).

Imagem 01: Gravações do filme *A Ilha*



Da esquerda para a direita: Seu Ceará (ator), Rosilene Cordeiro (atriz), Kid Quaresma (ator), Carline Ramos (atriz), Mateus Moura (diretor), Rafael Couto (assistente de direção), Raquel Minervino (som direto) e Rodolfo Mendonça (edição e direção de fotografia)

Fonte: arquivo pessoal, 2013.

²³ MINERVINO, Raquel. Para todos os seres anfíbios: a porta está aberta, pode entrar. **Blog Danoiteescuradamariapreta.wordpress.com**. Belém, 28 de Set, 2014. Disponível em: <https://danoiteescuradamariapreta.wordpress.com/>. Acesso em: 18/11/2021.

Nove anos depois, produz-se uma nova diferença em relação a essa marca: escrevo sobre a Ilha de Cotijuba, agora de um novo lugar, agora de outra forma, mas ainda sobre o poder de fascínio produzido neste espaço.

Uma vez posta em circuito, uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento. Como é isso? Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença. (ROLNIK, 1993, p. 2)

Em meados de 2020, passados um ano e meio de meu retorno ao Pará, eu ainda aguardava a nomeação do concurso. Trabalhava como professora particular, o que me rendia muito pouco financeiramente, e, com a pandemia, nem isso eu tinha. O mundo inteiro vivia e sentia o luto, a dor, o desemprego, o enclausuramento, a ansiedade extrema; não preciso me alongar, pois cada um sabe o que foi vivenciar, concretamente e subjetivamente, a pandemia da Covid-19, da qual ainda não saímos definitivamente, embora estejamos em grande parte vacinados e mais acostumados com a nova dinâmica dos dias. Foi nesse período de sofrimento e estagnação que a espiritualidade se fez cada vez presente, novamente eu diria, me convocando a adentrar com mais firmeza seus caminhos. Assim, eu busquei auxílio oracular. Eu, uma pessoa até então cética em muitos aspectos, buscava agora uma comunicação com o sagrado, uma resposta, um auxílio. Eu precisava me comunicar com o invisível, eu sabia que eu precisava. A fé não se explica.

Assim, no dia 27 de julho de 2020, eu fiz, pela primeira vez, uma consulta oracular através do *Eerindilogun*, mais popularmente conhecido como jogo de búzios, com uma sacerdotisa da Religião Tradicional Yorubá, a Ìyá Şolá Ègbékẹ̀mì. Entre vários caminhos que me foram revelados na consulta, os quais não cabe aqui comunicar, foi-me dito a respeito do meu sucesso profissional e de como ele estava próximo. Foi-me dito também a respeito de uma mudança de cidade que iria ocorrer em breve, mudança de casa, mudança de lugar, e de como ela seria necessária para o meu crescimento em todas as áreas. Foi-me dito também de caminhos espirituais. No entanto, para alterar a dinâmica de forças visíveis e invisíveis que agiam em minha existência naquele momento, era necessário que eu realizasse alguns ebós.

Fiz então o meu primeiro ebó. De maneira sintética, “ebó, o sacrifício, é o ritual simbólico de comunicação entre todas as Forças do Universo” (LOPES, 2020, p. 71). Eles têm como função, como explica Nei Lopes (2020) em “Ifá Lucumí: o resgate da tradição”, *dinamizar as forças existentes* e recarregar o consulente com a *energia vital*, provendo uma mudança em seu estado energético. Tudo isso faz parte da tradição filosófica e

ontológica africana, na qual não irei me aprofundar, mas apresentar alguns pontos básicos. A respeito da noção de cadeia das forças vitais, Nei Lopes (2020, p. 71).nos diz que:

Na tradição africana, o relacionamento do ser humano com o mundo real é fundamentado na crença em uma força vital – que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza e práticas rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o ritmo do tambor, etc. Essa força vital deve ser constantemente potencializada, restituída e trocada para que não se disperse.

Assim, fiz os *ebós* de acordo como me foram orientados: na conduta, eu estava *proibida de reclamar* do que quer que fosse, eu não poderia ser *teimosa*, eu deveria ser sempre *grata e generosa* com todos e eu precisaria *trabalhar muito*, todos os dias ir atrás de um trabalho para realizar. Empenhei-me integralmente nessas orientações. Quanto ao plano ritualístico energético, era necessário que eu fizesse oferendas a alguns Orixás, que não irei mencionar. Eu não tinha dinheiro na época para os *ebós*, mas, passados alguns dias, eu consegui o valor necessário – de maneira, eu diria, inesperada – e os *ebós* foram feitos pela minha sacerdotisa, no dia 21 de agosto de 2020, uma sexta-feira.

Os *ebós* foram “aceitos”, como se diz na tradição africana, e eu estava amparada no plano espiritual, revitalizada de axé. Seis dias depois, no dia 27 de agosto de 2020, na mesma data do mês anterior, quando houvera a consulta, o diário oficial publicou a listagem dos nomeados para o Concurso C-173 – lá estava o meu nome. Foi um dia de muita alegria e conto essa história para dizer que a encantaria está presente nesse relato que trago. Dessa forma, em setembro de 2020, quando eu compareci à sede da SEDUC para saber em qual escola eu atuaria, pude então optar, e eu já tinha Cotijuba em mente, embora não soubesse ainda se haveria disponibilidade na única escola estadual que há na Ilha. Perguntei, torci, e a resposta foi que sim, havia carga horária disponível. Pronto, estava tudo certo! Em outubro de 2020, ingressei como servidora pública do estado do Pará na Escola Estadual Marta da Conceição, Ilha de Cotijuba, bairro Faveira.

Em janeiro de 2021, saí da casa dos meus pais em Belém e mudei-me definitivamente para a Ilha de Cotijuba, tendo conseguido, de maneira surpreendentemente rápida, financiar a compra de um terreno no bairro da Pedra Branca, já com uma pequena casa de alvenaria construída, por um valor que muitos até hoje me dizem: “foi praticamente dado, foi um presente”. Uma conquista enorme, de fato um presente. A mudança de lugar e a prosperidade indicadas pela espiritualidade ocorreram. Digo também que “saí de Belém” ainda que Cotijuba seja um distrito de Belém, pois estamos falando de realidades completamente diferentes: uma capital e uma ilha que, apesar da proximidade com o continente, mantém um modo de vida rural. O modo de vida da cidade e o da zona rural, ainda que se interpenetrem culturalmente, mantém

diferenças perceptíveis. Acerca dessa temática, Paes Loureiro (2000, p. 57) nos mostra que:

Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em muito maior número e há o dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

A Pedra Branca, onde moro, preserva, ao menos, até agora, um modo de vida bucólico, onde podemos ainda ouvir o som dos pássaros e, na maioria das vezes, o silêncio predomina. Quando Paes Loureiro fala sobre o espaço rural como o lugar onde se privilegia o sentido estético da realidade, penso que esse senso se configura também em um modo de existir e habitar. Nos dois primeiros meses após a mudança, eu vinha mais à Belém, saudosa das coisas “da cidade”, com medo de estar só. Com o tempo, porém, me integrei à comunidade e, hoje, só venho ao continente em caso de necessidade. Sinto saudade dos bichos que adotei e dos meus pés de muruci e caju. Sinto saudade do verde que predomina. No próximo tópico, trago uma pequena cartografia afetiva desse lugar, a fim de mostrar de que forma eu, enquanto professora na Ilha, sou também dela aprendiz.

Pedra Branca: uma cartografia afetiva

Preciso dizer que eu já frequentava a comunidade da Pedra Branca, onde alguns amigos residiam desde janeiro de 2020, antes que eu soubesse que me mudaria definitivamente para esse lugar. Mestre Dimmi, Ado Mendes, Hugo do Nascimento e Maria Gabriela haviam comprado terrenos e estavam começando a conhecer o local e desenvolver atividades de permacultura e bioconstrução em seus espaços. No tempo em que morei em Minas Gerais, pude vivenciar as zonas rurais mineiras, igualmente encantadoras, e digo que essas experiências também foram fundamentais para redescobrir a Amazônia. Conheci Maria Gabriela em Juiz de Fora, uma paraense que, na época, começava seus estudos em Agroecologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF-Sudeste-Mg), *campus* Rio Pomba. Tornamo-nos muito próximas, de modo que cheguei a participar de algumas atividades de agroecologia do IF Sudeste/MG. Em nosso reencontro em Belém, a minha vontade de seguir estudando e vivenciando a agroecologia permaneceu. Assim, quando soube do Encontro de Vivência em Permacultura e Bioconstrução que iria ocorrer na UFPA, convidei-a. Esse evento reuniu pessoas que até hoje buscam viver a sustentabilidade e a ecologia na Amazônia. Cito alguns nomes: Ado Mendes, Marcelo Paz, Sandra Carvalho, Joseline Trindade, Alfredo Miglio, Lia Paraense, Mestre Dimmi, Selva Silvestre, Evandro Gaia.

Imagem 02: Vivência em Permacultura e Bioconstrução, agosto de 2019, UFPA



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 03: Vivência em Permacultura e Bioconstrução, agosto de 2019, UFPA



Fonte: arquivo pessoal

Foi nesse encontro que Ado Mendes, um dos organizadores, e Mestre Dimmi, falaram da Pedra Branca. Dimmi foi o primeiro, o que abriu os caminhos. Pouco tempo depois, estávamos todos lá. Ao conhecer a Pedra Branca, encantei-me. Lá, as vivências em permacultura e bioconstrução continuaram. Eu ainda não morava na comunidade, e fui poucas vezes no ano de 2020, por conta do isolamento social necessário. Trago alguns cartazes dessas atividades.

Imagem 05: I Mutirão de Bioconstrução, agosto de 2020



Fonte: Facebook do Coletivo A Teia, 2020

Imagem 06: II Mutirão de Bioconstrução, dezembro de 2020



Fonte: Facebook do coletivo A Teia, 2020

Por meio deles, os amigos, eu cheguei à Pedra Branca. Gostaria de citar alguns nomes que compõem essa paisagem afetiva. Meu objetivo aqui não é mapear a história da ocupação recente desse bairro, porque essa é uma cartografia pessoal e afetiva, e os nomes aqui expostos refletem a minha relação particular com esse lugar. Ainda assim,

quero lembrá-los, pois a simples sonoridade, o chamamento dos nomes, é um fundamento dentro da epistemologia africana, na qual busco, também, me integrar.

Essas pessoas estão na minha vida atualmente, e todas elas, moradoras da Pedra Branca e seu entorno, são também minhas professoras. Dos que chegaram recentemente, cito: Mestre Dimmi, Ado Mendes, Ana Paula Castro, Hugo do Nascimento, Enarê, Ney, Raphíssima, Zé, Julia, Jorginho, Anne, Ádila, Anderlucy. Todos nós estamos há praticamente um ano na Pedra Branca, alguns um pouco mais, outros um pouco menos.

Dos que já estavam há mais tempo, gostaria de destacar: Seu Nanã e Dona Esmeralda, Miriam e sua família, Jonathan e Adriana, Rubenita Justiniana, Seu Zé Brasília, Márcia Oliveira, Reginaldo Albuquerque, Sofia do Rosário, Seu Aroldo, Dona Edna, Edu, Seu Marcelo, Dona Risalva, Marlene, Genésio, Seu Francisco. Todos eles me ensinaram algo. Nei Lopes (2020, p. 140), ao referir-se ao pensamento do malinês Amadou Hampâté Bâ acerca do papel da oralidade na epistemologia e ontologia africana, diz que:

Segundo um dos mais importantes porta-vozes da tradição oral africana, o sábio malinês Amadou Hampâté Bâ (1979, p. 17), na África tradicional a palavra falada, além de seu valor fundamental, possui um caráter sagrado que se associa à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. A tradição oral, que não se limita aos contos e lendas nem aos relatos míticos e históricos, é a grande escola da vida, recobrando e englobando todos os seus aspectos.

Além dos nomes, gostaria de destacar, neste breve relato memorialístico de apenas um ano como moradora da Pedra Branca, três momentos vividos no ano de 2021: o carnaval; as reuniões do Tá Selado; e o Festival Pyracema – I Festival de Cultura da Ilha de Cotijuba.

O carnaval na Pedra Branca e os Murucis da Mata

Talvez a primeira atividade que fizemos juntos – esse grupo de artistas, artesãos, professores e fazedores de cultura que habita a Pedra Branca – foi o Carnaval. Um carnaval comunitário, um pequeno cortejo um tanto atrasado, já na Quarta-Feira de Cinzas, num dia chuvoso como é de costume nesse período. Criamos o bloco Murucis da Mata: na “brincadeira”, as composições autorais foram surgindo. O carnaval foi um momento importante, pois mostrou à comunidade que havia um grupo de músicos e artistas no bairro. O retorno foi positivo e, desde então, a partir do contato que fomos estabelecendo com a vizinhança, somos convidados a continuar “fazendo música” e “fazendo arte”.

Imagem 06: Cortejo Murucis da Mata



Fonte: arquivo pessoal, 2021

Imagem 07: Cortejo Murucis da Mata



Fonte: arquivo pessoal, 2021

Para fins de registro e memória, menciono duas dessas composições autorais do grupo Murucis da Mata, “Pedra Branca” e “Murucis da Mata”.

Pedra Branca – Murucis da Mata

*Pedra Branca no pé do barranco
As ondas levando as areias de volta pro leito do rio*

*E as águas que vem de tão longe
Num doce balanço vão desembocando na beira do mar*

*E o pescador quando sai para pescar
Ele pede licença à sereia pra poder pra terra voltar*

*A maré vai encher (vazou)
A mare vai encher (vazou)
A maré vai encher a rede
A maré vai encher*

*Murucis da Mata – Murucis da Mata
Muruci da mata, Muruci da mata, Muruci da mata
É da mata, é da mata, é o muruci da mata
(É da mata, é da mata, é o muruci da mata)*

*Lá no meu terreiro tem muito muruci
(Lá no meu terreiro tem muito muruci)
Goiaba, banana, acerola e o famoso açaí
(Goiaba, banana, acerola e o famoso açaí)*

*Tem preguiça, tem lagarto, cobra cipó e tamanduá
(Tem preguiça, tem lagarto, cobra cipó e tamanduá)
Sucuúba, imbaúba, inajá, miriti e taperebá
(Sucuúba, imbaúba, inajá, miriti e taperebá)*

*Tem mamão, tem graviola, castanha e bacuri
(Tem mamão, tem graviola, castanha e bacuri)*

*É da mata, é da mata, é o muruci da mata
(É da mata, é da mata, é o muruci da mata)*

13 delegados da Pedra Branca: a comunidade se engaja

Em maio de 2021, a Prefeitura de Belém lançou o programa “Tá Selado”, um Fórum Permanente de Participação Cidadã. Por meio do *site decide.belem.pa.gov.br* temos a descrição desse programa:

Tá Selado é um processo de participação cidadã que reúne governo e moradores de Belém para juntos apresentar e avaliar propostas prioritárias que vão orientar a gestão da cidade. Essas propostas serão base para a elaboração do Plano Plurianual (PPA), Lei Orçamentária Anual (LOA) e do plano de longo prazo, ‘Belém 2035, 200 anos da revolução cabana’. O Tá Selado é o Fórum permanente de diálogos entre prefeitura e comunidades de bairros, distritos e ilhas para definir eixos de condução de projetos de cidade de uma gestão democrática e popular (Prefeitura de Belém. O que é o tá selado? Disponível em: <https://decide.belem.pa.gov.br/pages/faq>. Acesso em: 18/11/2021).

Quando as reuniões distritais começaram, com as plenárias para eleger os delegados e delegadas que atuariam nesse processo junto à prefeitura, a nossa comunidade se mobilizou. Essa mobilização refletiu justamente a afinidade que veio sendo construída desde o início do ano – em poucos meses estabelecemos uma relação de confiança, juntamente com o desejo de propor melhorias para o nosso entorno. Conversando com as pessoas e incentivando a participação da comunidade, conseguimos, em campanha local, eleger 13 delegados para a Ilha de Cotijuba, 12 da Pedra Branca e 1 do Vai-Quem-Quer. Nós “chamamos a atenção”, como se diz. No setorial do Administrativo, elegemos Rubenita Justiniana e Mestre Dimmi; Transporte e Mobilidade, Lucinéia da Silva e Aroldo Costa; Saúde, Márcia Oliveira; Meio Ambiente e Saneamento, Ado Mendes; Educação, Ana Paula Castro e Raquel Minervino; Culturas Afro-Brasileira, Tradicionais e Originárias, Raphaella Marques; Cultura Popular, Rita de Cássia Oliveira; Cultura LGBTQIA+, Anne Franciney de Almeida; Cultura da Criança e Adolescente, Sofia do Rosário; Audiovisual e Artes Visuais, Hugo do Nascimento.

No dia 18 de junho, criamos o grupo de *Whatsapp* “PedraBrancaCultural”, por meio do qual nos comunicamos frequentemente até o presente momento, o grupo reúne grande parte do bairro, sem nenhum tipo de distinção – apenas, é claro, o decoro e o respeito com todos. A participação efetiva no programa de governo da prefeitura é algo que ainda debatemos, visto que ela nem sempre ocorre da maneira como imaginamos e gostaríamos. Porém, o importante a salientar nesse registro memorialístico é que esses

encontros com a comunidade nos deram a dimensão do nosso poder popular, autogerido. Assim, o mais significativo foi o início da construção de espaços de participação popular comunitária na Pedra Branca. Apesar da empolgação nos meses de junho, julho e agosto, os encontros, por questões políticas diversas que não cabe aqui mencionar, foram perdendo a força, até que pararam de ser frequentes. Tudo muda e está em constante movimento. No entanto, acredito que a semente plantada pode ainda ressurgir e, em outro momento, as reuniões comunitárias poderão voltar a acontecer. Basta que as forças vitais se rearranjem novamente.

Festival Pyracema – I Festival de Cultura da Ilha de Cotijuba

A partir de toda a afinidade alcançada ao longo do ano, fomos além. Pensamos e organizamos um festival para o nosso bairro, o Festival Pyracema – I Festival de Cultura da Ilha de Cotijuba, ocorrido nos dias 3, 4 e 5 de dezembro de 2021. A princípio, tínhamos apoio da Fundação Cultural de Belém (Fumbel), porém, esse apoio foi cancelado de última hora, mas nós não desistimos. Fariamos o festival, mesmo sem nenhum financiamento. Os artistas convidados toparam participar sem receber nenhum pagamento, apenas com o intuito de fortalecer o movimento cultural na Ilha. De última hora, a deputada estadual Marinor Brito (PSOL-PA) fez uma doação para o Festival, e com esse único apoio conseguimos prover a alimentação, o transporte e a hospedagem dos artistas convidados. Em nossa programação, contamos com oito oficinas para a comunidade: Gravura com Plantas e Colagem Lambe-Lambe, ministrada por Hugo do Nascimento; Expressão Corporal, ministrada por Raquel Minervino e Ana Paula Castro; Filtro dos sonhos e iniciação ao macramê, ministrada por Júlia Francisquini e José Paulo Bernardes; Oficina de Tijolo Pet, ministrada por Ado Mendes; Iniciação ao Malabares, ministrada por Ney Kaaruy; Mandalas com miçangas, ministrada por Enarê Caaporã; Pinturas com pigmentos naturais, ministrada por Fernando D’Pádua; e Oficina de Percussão, ministrada por Mestre Dimmi.

Além das oficinas, contamos com um espetáculo circense, contação de história, uma feira de produtores locais e, durante a noite, shows de grupos de carimbó. Foi um evento maravilhoso, um encontro alegre, repleto de arte e cultura. Destaco também minha participação no evento enquanto educadora, quando pude levar minhas turmas para participar das oficinas gratuitas ofertadas, e também para serem espectadoras da estreia do vídeo documentário “Saberes e Fazeres da Ilha de Cotijuba”, produzido pelos alunos do 2º ano do ensino médio, sob minha orientação. A Escola Estadual Marta da Conceição respondeu ao chamado da Pedra Branca e compareceu ao Festival Pyracema. Levamos dois ônibus para o evento. Cerca de 60 a 70 alunos participaram, pelo turno da manhã, e

60 a 70 pelo turno da tarde. Como parte da programação oficial do evento, estava a estreia do vídeo documentário “Saberes e Fazeres da Ilha de Cotijuba”, produzido pelos alunos do segundo ano do ensino médio, sob minha orientação. Esse trabalho foi selecionado para compor também o Ciência na Ilha 2021: exposição virtual, projeto de extensão do IEMCI/UFPA. Os alunos receberam certificados de honra ao mérito, o primeiro certificado deles da UFPA. O primeiro de muitos, assim espero. Sobre esse projeto específico, espero falar ainda em outra oportunidade.

Preciso dizer ainda que o festival contou com o apoio imprescindível do Templo de Umbanda Caboclo Rompe Mato e sua zeladora Mãe Márcia de Xangô. Numa Ilha onde predominam, sem sombra de dúvidas, espaços evangélicos, temos um terreiro de umbanda como espaço aglutinador da comunidade. Isso diz muita coisa sobre o alinhamento de energias e propósitos num mesmo território. O Festival foi, enfim, um sucesso, e pretendemos dar continuidade anual a ele.

Imagem 08: Estreia do videodocumentário “Saberes e Fazeres da Ilha de Cotijuba” como parte da programação do I Festival Pyracema.



Imagem 09: Cartaz com a programação do Festival



Fonte: Perfil do Instagram @festivalpyracema

Fonte: Perfil no Instagram @festivalpyracema

Uma professora na Ilha e uma Ilha professora: considerações finais

Eu sou professora, esse é meu ofício. Mas posso dizer com clareza que a Ilha se tornou, ela própria, minha grande professora. A mata, o rio, os bichos, as gentes, plantas, minerais e astrais: todos eles me ensinam, diariamente. Não quero aqui romantizar esse processo, pois quando falo que aprendo, posso dizer que não é somente pelo prazer –

aprendo muitas vezes no embate com a natureza e as forças vitais, aprendo com a picada dos mosquitos e as doenças que transmitem, com a força poderosa das chuvas que transforma a rua de casa num enorme lamaçal, com a falta de energia que me faz sempre ter velas para qualquer emergência, com a picada de escorpião que quase enfartou a minha vizinha – aprendo a andar calçada na mata. Aprendo com o medo do raio e o som do trovão, que muitas vezes parece cair bem ao nosso lado, com os animais abandonados que precisamos muitas vezes cuidar e amparar mesmo não sendo nossos, já que não há até o momento um projeto de saúde pública animal na Ilha.

Como uma mulher jovem que mora sozinha, eu aprendo sempre na dureza a lidar com os trabalhadores homens, na tentativa de ser ludibriada ou na tentativa grosseira do flerte, aprendo a impor respeito e ficar atenta para não ser enganada. Aprendo com as marés, com os ciclos da lua, aprendo que meus desejos e vontades precisam disputar com a vontade de todos os outros seres: a comida mofa, os livros molham, as galinhas comem o que seria o início de uma horta. Tudo tem que ser planejado com cuidado, levando em consideração todos os fatores. Aprendo com as pessoas. Cuido da amiga que, mesmo em um lugar que muitos chamariam “paradisiaco”, encontra-se em depressão. Eu mesma já desanimei em muitos momentos. Percebo constantemente, como membro de uma comunidade, os conflitos e as disputas de poder, muitas vezes velados, e aprendo a escutar antes de tudo, protegendo-me de indivíduos que possam, por razões diversas e obscuras, querer me prejudicar. Como mostra Nei Lopes, “no pensamento nativo africano, todo ser racional pode influenciar maleficamente um semelhante” (2020, p. 71). Não existe o bem e o mal como entidades independentes, tal como na tradição cristã, mas uma troca constante entre forças que estão interrelacionadas. Nessa troca, aumentamos e/ou diminuimos nossa potência, assim como podemos influir, positivamente ou negativamente, sobre todos os outros seres.

Mesmo reconhecendo os desafios que a vivência insular me impõe, sei que a Ilha me ensina e me traz muito mais potências e alegrias antes de qualquer outra coisa. Dirijo meu olhar, minha atenção e meu poder de ação para a arte, a educação e para tudo aquilo que potencializa a minha existência e a de todos os seres. Esse aprendizado recíproco, essa troca constante entre seres visíveis e invisíveis, pode ser compreendido também à luz de pensadores que nos amparam. Nesse ponto, encontro ressonância com a filosofia africana, que ensina sobre a “ciência da vida” (LOPES; SIMAS, 2021) e o conhecimento que se torna sabedoria. Assim, “o conhecimento tradicional deve estar unido à experiência e integrado também à vida, até porque há coisas que não podem ser explicadas, apenas experimentadas e vividas” (LOPES; SIMAS, 2021, p. 48).

Recebo, por vezes, em minha casa, amigos que vêm da cidade. Recebo sobretudo amigas, em sua maioria mães solo, que trazem seus filhos para aproveitar o final de semana. É incrível observar algo que as próprias mães me relatam em apenas um ou dois dias: “Nossa, meu filho aprendeu tanto”, “Ela desenvolveu tanto esses dias”. Sim, é real. As crianças acostumadas ao meio urbano chegam com suas birras (naturais), com seus medos, com seus desejos e interesse por celulares. Porém, em pouco tempo, isso muda. O contato com a comunidade local, humana, animal, vegetal, natural, astral, as encanta, e elas logo estão tanto mais calmas quanto mais espertas. Choram para não ir embora, querem voltar. A Ilha é também professora.

As Ilhas representam uma paisagem típica da Amazônia, já que os rios são os elementos mais notáveis desse bioma, tanto quanto a floresta. O grande rio Amazonas, o maior rio do mundo, é, na verdade, uma bacia hidrográfica labiríntica, que, no entrecruzar de braços e furos, vai criando suas ilhas, fazendo e desfazendo caminhos de água. O rio:

Transfigura, hipnotiza, solapa, restaura, faz aparecer e reaparecer ilhas, esconde embarcações encantadas na manga de sua casaca de ondas, devora cidades, alimenta populações, guarda em suas profundezas ricas encantarias habitadas pelos botos, uíaras, anhangas, boiúnas, cobras-norato (LOUREIRO, 2000, p. 118).

Barcos são navegações que apresentam um ritmo próprio – eles obedecem à temporalidade das águas. É sabido que você não pode navegar com embarcações tão rápidas próximo a pequenos furos, pois a velocidade da embarcação produz ondas que, com o tempo, podem contribuir com a erosão das margens dos rios, danificar e alterar a paisagem. É preciso respeitar o ritmo das águas. O tempo na Ilha é diferente do tempo na cidade.

Talvez, seja óbvio dizer que a temporalidade muda quando estamos próximos da natureza. Mas, falar é uma coisa, outra bem diferente é corporificar o aprendizado, vivenciar a mudança e o alinhamento do ritmo interno com o ritmo do lugar. Uma forma clara de perceber essa diferença é na própria escola. Por quê? Porque os alunos são mais calmos. Essa percepção também é nítida aos professores que chegam com sua experiência de sala de aula em Belém e depois, quando começam a trabalhar na Ilha, notam a diferença de comportamentos – e, diga-se – sentem-se melhores nessas condições, também ficam eles mesmos mais tranquilos com o passar do tempo.

A Ilha, como minha professora, me deu também uma nova escrita – é verdade! Eu sempre tive uma escrita conceitual, não nego meu apreço pela filosofia e o esmiuçar do plano das ideias. Nunca fui muito afeita a falar de pessoalidades e até mesmo a pesquisa de campo me parecia algo delicado. E aqui estou eu, desbravando novas possibilidades de escrever um artigo acadêmico, falando sobre trajetórias pessoais, marcas, trabalho,

vida e espiritualidade como algo indissociável, pensando, junto com Rolnik (1993, p. 9) que escrever “é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo, onde não há separação entre a matéria-prima e a escultura, pois o tempo não existe senão esculpido em um corpo, que neste caso é o da escrita, e o que se escreve não existe senão como verdade do tempo”.

Uma mudança ocorreu em mim, de modo que não consigo mais pensar na possibilidade de voltar a viver em grandes centros urbanos. Penso nos meus pés de muruci, caju, açaí, o cacau que plantei e que ainda está tão pequeno – não me vejo mais longe deles. Não acredito, por fim, em nenhum ato educativo que se faça sem encanto. O verbo *encantar*, numa rápida busca em dicionários diversos, aparece com dois sentidos principais: o de causar maravilhamento, impressionar positivamente; e o de enfeitiçar. Os dois sentidos me valem aqui. O tempo com minhas turmas é quando faço acontecer a magia através de palavras e atos, busco sempre enfeitiçar através de uma aula. Raramente uso livros didáticos. Todas as minhas aulas são pensadas como espaços de estudo onde a função estética é essencial. Como mostra Paes Loureiro (2000, p.81), a função estética, como parte da cultura, promove a relação sensível do homem com seu meio:

O estético [...] aparece em todas as teorias como uma realidade geradora, a seu modo, de uma relação peculiar que se processa nos indivíduos enquanto seres sociais. Dessa maneira, só será possível ao estético adquirir sentido, no âmbito da relação entre os homens, com base na cultura. Porque o valor estético resulta de uma relação do sensível que impregna a forma de contato do homem com a realidade, no conjunto de sua existência como ser social. Consequentemente, a função estética ocupa espaço privilegiado não apenas na vida individual, como na de toda uma comunidade.

A Ilha é minha professora, ela me ensinou a reconhecer a multiplicidade dos seres, a diversidade da vida, e o quanto isso precisa estar presente em minha prática docente, pois já não separo mais essas dimensões, aceito que tudo está interligado e assim meu trabalho precisa refletir a minha verdade – ética, estética, política, espiritual. Neste relato, trago o que subjaz e embasa meu trabalho docente: minhas experiências de vida, minhas *marcas*. Elas me guiam. Habitando uma Ilha, que ainda mantém seu verde natural, reconheço, entretanto, que a ocupação desordenada causa impactos ambientais nesse território e que a chegada de novos habitantes pode produzir impactos a longo prazo. Reflito sobre essas questões. Assim, busco também interferir o mínimo possível no espaço natural, a partir da consciência da permacultura, do diálogo respeitoso entre homem e natureza. Como professora na Ilha, meu papel é ensinar, mesmo numa aula de Língua Portuguesa, sobre a preservação dos rios e das matas, e de como eles serão sempre nossos aliados, enquanto estiverem vivos, enquanto por eles formos responsáveis. Finalizo este texto, porque é preciso, com as palavras do xamã *Yanomami* Davi Kopenawa em *A queda do Céu*:

É por tudo isso que quero viver na floresta, como fizeram meus antepassados antes de mim. Sou neto deles e quero seguir suas pegadas. Às vezes imito a língua dos brancos e até possuo algumas de suas mercadorias. Não tenho, porém, desejo algum de me tornar um deles. Em suas cidades não é possível conhecer as coisas do sonho. Nelas não conseguem ver as imagens dos espíritos da floresta e dos ancestrais animais. Seu olhar está preso no que os cerca: as mercadorias, a televisão e o dinheiro (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 437-438).

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri*²⁴, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 65).

REFERÊNCIAS

A ILHA. Direção: Mateus Moura. Belém: Maria Preta, 2013. Filme (59min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f6GcybHz_jg&t=804s. Acesso em: 16/11/2021.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, vol. 2, nº 2, Rio de Janeiro Oct. 1996

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do Céu**: palavras de um xamã Yanomami. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

LOPES, Nei. **Ifá Lucumí**: o resgate da tradição. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias Africanas**: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A poética do imaginário. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**, volume 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. O invisível visível. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**, volume 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MINERVINO, Raquel. Para todos os seres anfíbios: a porta está aberta, pode entrar. **Blog Danoiteescuradamariapreta.wordpress.com**. Belém, 28 de Set, 2014.

Disponível em: <https://danoiteescuradamariapreta.wordpress.com/>. Acesso em: 18/11/2021.

PANTOJA, Wallace. A Ilha – fragmento da existência mergulhado em memórias. **Blog Danoiteescuradamariapreta.wordpress.com**. Belém, 4 de Out. 2014. Disponível em: <https://danoiteescuradamariapreta.wordpress.com/>. Acesso em: 18/11/2021.

²⁴ Os espíritos, de acordo com a cultura yanomami.

ROLNIK, Sueli. Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/estético/política do trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993

SOBRE A AUTORA

Raquel Minervino e Mestre em Educação (UFJF); especialista em Terapia Através do Movimento – Corpo e Subjetivação (FAV). Graduada em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa (UEPA). Atualmente é professora da rede pública estadual do Pará. Atua e reside na Ilha de Cotijuba (PA). E-mail: raquelminervinocb@gmail.com